



Espaço urbano: o comércio popular na via W3Norte em Brasília como representação das mediações entre o comerciante e o projeto moderno¹

Fátima Aparecida dos Santos²

Rogério José Camara³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Estudo da via W3Norte, área de comércio popular em Brasília, o que integra a pesquisa realizada sobre as relações entre projeto de Brasília e a comunicação visual. Questiona-se o fato de haver uma área de comércio popular não prevista no plano piloto da cidade de Brasília e verifica-se que graças às alterações no projeto inicial torna-se possível flagrar os índices da origem dos comerciantes e do modo com o qual eles compreendem o projeto moderno. Analisou-se as trocas semióticas que ocorrem no local a partir dos signos do moderno, dos signos culturais e imagéticos, dos vários locais de origem dos comerciantes e das narrativas e sagas dos pioneiros que compõem um grande texto cultural manifesto como visualidade da via.

Palavras-chave

Saga; projeto moderno; sistemas semióticos; fronteira; comunicação visual.

Introdução/ princípio histórico

Principal conjunto arquitetônico moderno no Brasil, a cidade de Brasília foi concebida na década de cinquenta, do século XX, como parte do projeto de governo progressista implementado pelo presidente do país Juscelino Kubitschek. Fruto da efervescência cultural e econômica daquela época, a construção da cidade refletiu os pensamentos e ansiedades da intelectualidade brasileira em transformar um país rural e agrário em um novo mundo, mesmo que para isso fosse necessário inventar um novo homem. Na cidade constata-se todos os cânones urbanísticos propostos por Le Corbusier: o princípio das sete vias, a setorização, a tipologia das moradias, o traçado e conceito de quadras ou superquadra.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta do depto de Desenho Industrial- Instituto de Artes- e PPG Arte da Universidade de Brasília. Doutora em Comunicação e Semiótica PUC-SP. E-mail: designfatima@uol.com.br

³ Professor Adjunto do depto de Desenho Industrial- Instituto de Artes- e PPG Arte da Universidade de Brasília. Doutor em Comunicação UFRJ. E-mail: rogeriocamara@unb.br

Ambos professores tornaram-se participantes do Grupo de Estudos ESPACC- PUCSP em 2012.



Lúcio Costa, urbanista responsável pelo traçado da cidade, relacionou-se com Le Corbusier em vários momentos da sua carreira. Logo, observa-se que os ares do modernismo e do funcionalismo chegaram ao Brasil de forma tardia e não eram consenso ou não refletiam as expectativas de toda população. Pode-se presumir que a capital do país, construída sob tal influência, aponta para o projeto de um homem futuro, de um país futuro, de um modo de vida muito diferente dos praticados no Brasil da década de cinquenta e sessenta. Por outro lado, a população brasileira era composta basicamente por homens do campo, não letrados. Desse contraste é possível inferir que o homem idealizado e, para o qual, Brasília foi projetada era bem diferente do homem brasileiro. Resta a indagação qual é o homem que habita e faz a cidade de Brasília existir hoje?

Na mesma época em que se construiu Brasília foi implementada no país a primeira faculdade de Design (ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial). Apesar de ambas serem filiadas ao movimento funcionalista percebe-se no design uma influência maior da vertente alemã, Bauhaus e Ulm, e, na arquitetura a filiação, já citada, com o funcionalismo francês. Brasília portanto segue a corrente francesa do funcionalismo, o desenho de formas, como Lúcio Costa ironicamente se refere ao design, foi desconsiderado pelos arquitetos envolvidos no projeto. Essa divergência de filiação entre a arquitetura e o design permite entender a visualidade da cidade de Brasília. Enquanto a arquitetura orienta, ordena, uniformiza e, portanto, programa, a comunicação visual não foi considerada no projeto, sendo assim, não se estabeleceu uma organização programática. A comunicação visual, tal como se configurou, denuncia a origem dos comerciantes e produtores de signos visuais, influencia o público, principalmente no que se refere ao gosto, e portanto determina quem e como frequenta.

Pensando a W3Norte como texto cultural

A arquitetura moderna tende a homogenizar e a comunicação visual⁴ vernacular revela a heterogeneidade presente na cidade como sistema. Tal comunicação permite capturar o índice para decodificar o funcionamento da cidade e, considerando-se tal premissa, foi definida como objeto de pesquisa a Via W3Norte. Ao longo do texto

⁴Chama-se comunicação visual a disciplina do design que cria signos visuais, organizar a informação e pensa a relação entre os signos visuais como um sistema.



apresentaremos algumas falas dos comerciantes que trabalham nessa região. A narrativa do modo como a terra foi distribuída, da forma como ocorreu a ocupação territorial e das histórias de vida mostram a diferença entre o que foi planejado para a cidade e o que foi feito. A via estudada constitui-se numa zona de fronteira⁵, uma brecha no programa, através da qual se revelam os traços de origem da população que ocupa a região. A partir dessa origem, informações e traços culturais são capturados, revelam-se as diferentes constituições culturais que perpassam a cidade, mas só são evidenciadas na via.

Assim ao justapor uma região com funções mistas sobre um plano piloto, que pensa a cidade de modo setorizado, gera-se um estranhamento, a cidade inteira comporta-se como homogênea em comparação com o espaço modificado, o que a torna fora de série. Entretanto para o resto do país e para a tradição cultural brasileira a cidade mista é a que compõe a regra e o estranho é a cidade setorizada. Avançando na análise percebe-se que esse mesmo movimento se repetirá na leitura da W3Norte, nela o que é comum como visualidade do comércio para o Brasil é estranho para Brasília. Por isso a importância de observá-la como zona de fronteira e de brecha, pois esse movimentar de textos é uma característica operação de filtragem e tradução.

É nessa brecha que as vozes, as origens e o tempo se mostram. Essas relações são entendidas à luz da semiótica como um sistema complexo de signos. Como sistema contido em uma brecha, ele só se revela por meio de análise das diversas sobreposições de camadas que aos poucos permitem decodificar a sua história e o seu funcionamento. Constituem-se de camadas a serem decodificadas: a topografia do terreno, o plano urbano, os gabaritos de construção, as mediações dos gabaritos pelos comerciantes revelando várias finalizações diferentes a partir de um mesmo comando, as fachadas, os percursos desenvolvidos pelos cliente, as imagens da via no imaginário de cada um, as cores, as comunicações visuais e por fim a própria visualidade da via como um todo.

Neste sistema, além da relação entre forma e função, observa-se a composição da cidade como texto. Ao esboçar o rascunho de um plano piloto para a cidade de Brasília, Lúcio Costa iniciou o desenho por uma cruz, dois eixos que se cruzam e sinalizam o espaço (VIDAL, 2008, p.213). Metáfora de cruz, sinal que se faz na terra para determinar que ali é o ponto de chegada e a metáfora de avião, o modo de chegar mais

⁵A fronteira do espaço semiótico não é um conceito artificial, sim uma importantíssima posição funcional e estrutural que determina a essência do mecanismo semiótico da mesma. A fronteira é um mecanismo bilíngue que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e o contrário” (LOTMAN, 2000 p. 25)



rápido, moderno. Na vertical foi proposto o eixo monumental, figura que lembra a cabine de um avião, nele foram distribuídos todos os equipamento públicos e ao final a Praça do Povo, o Congresso, o Senado, o Palácio do Planalto e o Palácio da Justiça. O eixo horizontal opera como o meio das asas do avião, atravessando a cidade de ponta a ponta, cortado pelo eixo monumental. O eixo horizontal ou o “Eixão”, conforme é conhecido, divide a cidade em leste e oeste, sinaliza o marco zero para a contagem das sete vias. Logo as vias que se formam ao leste recebem o nome de L e são contadas em números, sendo as pares as principais: Via L2 e Via L4. As vias que se formam ao oeste recebem o nome de W e são contadas em números, sendo as ímpares as principais: Via W3, Via W5, etc. Para a nomenclatura deve-se ainda considerar a posição em relação ao Eixo Monumental, ao sul do eixo W3Sul e ao norte W3Norte. As quadras dispostas ao longo das vias recebem um sistema de numeração: SQN (Superquadra Norte) 600, SQN 400, SQN 200, SQN 100, SQN 300, SQN 500, SQN 700; e SQS (Superquadra Sul) 600, SQS 400, SQS 200, SQS 100, SQS 300, SQS 500, SQs 700. As quadras também recebem números que revelam a sua posição em relação ao Eixo Monumental, desta forma a quadra SQN 202 é mais próxima do Eixo Monumental do que a SQN 215. Esse sistema matemático e de coordenadas revelam o modo como a cidade, mais do que planejada, foi programada. Por meio dos signos desse sistema é possível perceber o modo como o espaço foi hierarquizado e ainda considerar a função de cada parte dele, que na concepção de Lúcio Costa deveria operar como um todo, pois sobreposto ao sistema de quadras e vias, ainda existem os setores, desta forma a descrição do espaço por este conjunto de siglas torna-se o endereço, bem como o roteiro para chegar. Mapa, guia, receita de roteiro, determinação de função. Pode-se comparar esse funcionamento como um mecanismo da cidade:

Uma particularidade essencial da construção estrutural dos mecanismos nucleares da semiosfera é que cada parte desta representa ela mesma, um todo fechado em sua independência estrutural. Os vínculos dela com outras partes são complexos e se distinguem por um alto grau de desautomatização. E mais: nos níveis superiores adquirem o caráter de conduta, é como dizer, obtêm a capacidade de eleger independentemente um programa de atividades. Com respeito ao todo, observa-se em outros níveis da hierarquia estrutural, mostram a propriedade do isomorfismo. Assim pois, são ao mesmo tempo parte do todo e algo semelhante a ele. (LOTMAN, 2000)

Ao comparar o funcionamento da cidade de Brasília a um mecanismo nuclear da semiosfera temos o funcionamento das superquadras pensadas como uma parte que deveria seguir e funcionar independente do todo, mas sendo parte dele. Nelas as



operações cotidianas deveriam ser resolvidas e o contato com o todo maior só se daria em função do trabalho ou deslocamentos eventuais. Já na Via W3Norte ocorreu uma mudança de projeto ordenada pelo engenheiro Israel Pinheiro (CODHAB/DF – Companhia de Desenvolvimento Habitacional dos Distrito Federal) que modificou os gabaritos para a construção na região permitindo que na mesma área casas, comércios, prédios comerciais e residenciais dividissem espaço. A região caracteriza-se um funcionamento próprio e distinto do resto de Brasília, principalmente porque a visualidade e a sobreposição de funções, resultante dessa modificação, causam grande contraste com o projeto moderno. Ainda em tempo, essas mudanças permitiram o surgimento de uma fronteira semiótica que opera como filtro entre o moderno e o vernacular.

Lotman propõe que a cultura não é um acúmulo desordenado de textos, mas um sistema complexo no qual deve-se considerar a questão da hierarquia e do modo como esse texto pode ser visto como um todo homogêneo e guardar particularidades que, olhadas de perto, compõe a diferença para ele:

... todo texto se apresenta invariavelmente, sob pelo menos duas perspectivas... homogêneo e fora de série...Desse modo, o que de um ponto de vista se apresenta como homogêneo quando comparado com outro texto, e desse outro, como fora de série, estranho e incompreensível. No primeiro caso, se instalará no eixo sintagmático; no segundo, no eixo retórico. A justaposição do texto com uma série que semioticamente não guarda homogeneidade com ele, gera um efeito retórico. Os processos formadores de sentido transcorrem tanto quanto a interação entre camadas de texto semioticamente heterogêneas que se dão em uma relação de intraduzibilidade mútua, como a consequência de complexos conflitos de sentido entre o texto e o contexto estranho para ele. (LOTMAN, 2000, p.102)

Analisando o processo de sobreposição de informações culturais na W3Norte comete-se o equívoco de considerar como processos diferentes a construção moderna e as heranças visuais trazidas das cidades de origem. Na verdade, na W3Norte os textos culturais de origens diversas somam-se e formam um texto específico da cidade de Brasília. Primeiramente, considera-se como texto base o projeto moderno. Como segundo texto a mediação entre cidade moderna e cidade convencional feita por Israel Pinheiro. E ainda, como terceiro texto a aproximação feita pelos comerciantes entre as cidades de origem, os gabaritos fornecidos para construção, o modo de operar e



organizar o comércio já instituído desde dos primórdios da humanidade e, por fim, a forma como publicizam seus produtos e serviços.

Ao compartilhar o modo de observar a W3Norte pelos comerciantes verifica-se que a modelização matemática do espaço é sobreposta pela lembrança, pelos signos de suas origens ou mesmo pelos signos de um passado remoto. As ordenações do espaço e seu controle pela força do plano piloto, planos diretores, órgãos de conservação do patrimônio público não são suficientemente fortes para controlar as áreas de comércio popular. A comunicação visual é o índice que denuncia que na cidade existe a tensão entre o programa e o uso propriamente dito. Este genuíno texto cultural inscreve-se no local por diferentes heranças e diferentes camadas. O modo como o projeto urbano determina os fluxos e define quem ocupa qual espaço é a base para o entendimento dos textos culturais possíveis de serem flagrados na dinâmica da cidade.

A interação de estruturas no mundo fechado do texto torna-se um fator ativo na cultura como um sistema semiótico que funciona. O texto desse tipo é sempre mais rico do que qualquer linguagem única e não pode ser calculado automaticamente a partir dele. O texto é um espaço semiótico em que se interagem, interferem e auto-organizam hierarquicamente as linguagens. (LOTMAN, 2000, p. 97)

Na relação entre os textos da arquitetura e os textos visuais se denuncia a origem e a história vernacular. Como define FERRARA (1986, p72) tal comunicação pode ser considerada como verdadeiros supersignos, pois revelam uma articulação ambiental de tal modo que signos e ambiente se articulam para construir uma unidade, e, neste caso, a unidade que se diferencia do projeto moderno. A partir dos signos visuais consideramos que a história dos comerciantes seria a chave para entender a Via W3 como fronteira semiótica e realizamos uma série de entrevistas gravadas em vídeo e que foram compiladas neste artigo.

Sagas e narrativas: diferentes comerciantes, diferentes relações com o projeto moderno

Dentre as gravações realizadas selecionamos para a apresentação no GT de Semiótica da Cultura as falas do Sr. Hely Walter Couto, da Sra. Clarisse Rodrigues Lessa e do Sr. Glauber Jackson Silva.



Sr. Hely nascido em São Gotardo uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, atualmente com oitenta e cinco anos, é o retrato do pioneiro que migrou para Brasília durante a sua construção a procura de oportunidades, entretanto verifica-se na sua fala e em seus registros históricos, a dissonância entre as suas crenças e atitudes e o projeto moderno. Enquanto ideologia, o projeto da nova capital pregava igualdade de tratamento e oportunidade. No plano piloto, na superquadra modelo, a primeira a ser construída, e onde foram fixados os primeiros moradores da cidade, verifica-se que os apartamentos, espaços públicos, instituições de ensino, as áreas de convívio não tinham ostentação e traduziam em formas a crença dos arquitetos modernos no sistema socialista. Por outro lado, antes mesmo da fixação dos moradores eleitos, Brasília atraiu pessoas como o Sr. Hely. Ele conta que migrou da sua cidade para Belo Horizonte e com trinta e um anos de idade teve a oportunidade de vir para Brasília como vendedor, escolheu dentre os produtos necessários aos operários aqueles que não possuíam ainda nenhuma loja na Cidade Livre, optou pelos derivados da borracha, vendendo botas do tipo sete léguas, capas de chuva e travesseiros. Revela que teve a sorte de vender cerca de três mil travesseiros para uma construtora e com isso angariou o dinheiro para montar a sua primeira loja. As paredes do escritório do Sr. Hely revelam a relação de oportunismo e subserviência diante do poder público, existem registros de figuras como o próprio JK, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, alguns presidentes militares, Aureliano Chaves, Fernando Collor de Melo entre outros. As fotografias fixadas nas paredes demonstram o modo como o comerciante respeita e orgulha-se da relação com políticos sem entender ou relacioná-los com momentos e ideologias diferentes. Outro índice antagônico e curioso é o modo como o pioneiro narra a sua história. O Sr. Hely concedeu entrevista em seu escritório em um sábado pela manhã, pediu licença para pentear os cabelos, passou perfume e se colocou diante da câmera relatando a sua história quase que sem intervenção dos pesquisadores, ao final da pesquisa entrou na sala a mídia da TV Bandeirantes com quem o comerciante negociou espaço para a veiculação de um anúncio para o dia das mães. Nota-se nessa passagem que o comerciante conhece e elege a televisão como mídia para a venda de seus produtos, entretanto, ao rever a entrevista dele, percebe-se o modo como a entonação da voz altera-se diante da câmera e verifica-se que a referência para a fala vem do rádio. Algo na narrativa da saga do comerciante lembra os antigos programas de rádio. Esses elementos indiciam o Brasil em um momento histórico diferente do atual e também diferente do moderno. Observa-se nessa passagem que a emissão radiofônica,



importante veículo de comunicação do Brasil da década de trinta e quarenta, modeliza a fala do pioneiro e que, mesmo tendo chegado à Brasília durante a efervescente construção, o grande feito histórico e moderno brasileiro, o seu modelo mental de política é ainda aquele que imperava no Brasil nas décadas anteriores à construção. Esses relatos breves são a prova de que, embora existisse, o projeto moderno ele não era a concepção e o anseio do povo, interiorano e rural. O Sr. Hely é proprietário da loja chamada “A Pioneira da borracha” com diversas filiais no Distrito Federal, sendo uma na W3Norte e com a matriz na via W3sul. Hoje a loja vende utensílios domésticos e seu carro chefe há muito deixou de ser as botas sete léguas, as capas de chuva e os travesseiros. Durante a conversa, Sr. Hely revela o seu projeto para que o comércio de rua volte a ser o que era no passado, ele se propõe a doar mensalidades de cinco mil reais para que a administração regional construa uma praça na via com quiosque de lanches, coreto e fonte luminosa. Ele acredita que tal iniciativa poderia devolver às pessoas o prazer de andar pela via e conseqüentemente reavivar o comércio. As referências do Sr. Hely apontam, portanto, para o passado e revelam uma cidade muito diferente da cidade de Brasília hoje.

A Sra. Clarisse foi a única entre mulheres proprietárias de loja que aceitou dar entrevista. A sua relação com a cidade começou depois da inauguração. Ela conta que veio para Brasília após formar-se professora, casou-se, prestou concurso público e foi chamada para lecionar. O marido era comerciante de tecidos e possuía uma loja no Setor Comercial Sul. É por meio da fala da Sra. Clarisse que conseguimos recuperar parte da história da via, segundo ela, após dois anos da inauguração da cidade, a administração de Brasília realizou uma série de incentivos para garantir a ocupação da via W3Norte pelos comerciantes. No começo da década de sessenta Brasília já havia sido inaugurada, existia um grande vazio demográfico na Asa Norte, a Cidade Livre estava em decadência. Para resolver o problema do vazio demográfico e a falta de perspectiva dos comerciantes da Cidade Livre o governo resolveu vender os terrenos da W3Norte de modo subsidiado. O comerciante pagava um valor pelo terreno, ganhava a construção da loja e moradia em madeira e tinha dois anos para transformar a locação provisória em definitiva, construindo os estabelecimentos em alvenaria e se assim o fizesse receberia metade do valor pago no terreno de volta. Caso não o fizesse, deveria passar o terreno para alguém que tivesse condição de construir. Os gabaritos ou modelos de lojas e moradias foram dados pelo governo. Narra-se ainda que até as cores externas das lojas e das casas eram estabelecidas. Entretanto, havia liberdade para



nomear o estabelecimento do modo que bem entendesse e também colocar placas de identificação. A Sra. Clarisse explica que a loja recebeu o nome dela a partir de um acordo que ela fez com o marido. Ele havia visto na iniciativa do governo oportunidade para expandir os negócios da família, mas ela deveria deixar de ser professora e tomar conta do outro comércio do casal. Com medo de perder a sua liberdade e independência financeira perante ao marido, ela aceitou, desde que a loja ficasse em seu nome e fosse gerenciada por ela. Optou-se pela venda de tecidos e armarinhos e as cores das placas de identificação da loja foram escolhidas em homenagem a natureza, pois segundo a Sra. Clarisse o verde a inspira. O nome da loja é grafado em diferentes tipografias, ora cursiva, como gosta a Sra. Clarisse, ora industrial, com tipografia serifada lembrando o nome do principal fornecedor do armarinho, as linhas correntes. Nesse caso a marca do fabricante do produto modeliza a marca da loja. Percebe-se através das falas da Sra. Clarisse a luta pela independência feminina característica das mulheres nas décadas de sessenta e sessenta. O gosto pela costura e organização da casa denunciam a educação recebida da mãe para gerenciar o lar. O projeto de vida e de independência traçado por ela para as filhas, garantiram a educação e incentivaram o posterior ingresso no serviço público. Apesar das diversas cores, santos e flores que ocupam o interior da casa da Sra. Clarisse e da sua fala mansa e pausada, muito educada, percebe-se a integração dela com a história da cidade, o entendimento do projeto moderno, uma certa crítica sobre a aparência da via W3Norte na atualidade e o entendimento dessa visualidade como resultado da ação inicial do governo para fixação de pessoas no lugar. Ela explica como o prédio ocupado pela loja e residência cuida dos traços do modernismo e mesmo assim não reflete o modelo em sua totalidade porque o tamanho dos lotes, a distância e o não cumprimento do modelo pelos outros comerciantes interferem na compreensão total do espaço.

A última entrevista narrada será a do Sr. Glauber, um comerciante jovem, com 28 anos de idade que apenas há um ano é o proprietário do bar Recanto Mineiro. Nascido em Brasília, com os pais de origem mineira, ele falou da sua infância, das mudanças nos últimos vinte anos, do modo como o espaço da W3Norte é ao mesmo tempo ocupado e frequentado por todos, mas causando certa inquietação pela divergência em relação ao resto da cidade. Advogado de formação, Glauber conta que existem sérios problemas legais em relação aos alvarás das lojas. O modo como foram construídas não permitem adequá-las às exigências para o comércio, como são tombadas não podem ter modificações estruturais e como foram construídas há muito tempo não tiveram



adequação aos critérios de acessibilidade e usabilidade. Fala sobre a relação de conflito com o poder público em relação aos espaços de trânsito, fixação de publicidade e utilização do espaço da calçada para a exibição de produtos. Relembra que o bar foi rebatizado recentemente, antes ele recebia o nome do proprietário Sr. Junior. A história do local não relaciona-se com o nome Recanto Mineiro, o proprietário anterior, foi assassinado em frente a loja quando tentou impedir que seu vizinho ao lado fosse assaltado. A palavra recanto remete a sossego longe da história do recinto que tem um passado violento. Glauber compreende as relações de poder da cidade, não apresenta sotaque e não carrega em si nenhum índice da cidade de origem dos pais, entretanto relata que procura vender bolo de mandioca, pão de queijo e iogurte trazido da fazenda da família que fica em Minas Gerais. Glauber é o típico jovem da cidade, com pais funcionários públicos e depois comerciantes, relaciona-se com o projeto moderno e o entende, compreende a importância histórica da cidade e o modo com a via W3 distingui-se do projeto. Também aponta as tensões existentes no lugar, mas o mais curioso dado retirado dessa entrevista é o fato de que nesse estabelecimento os signos e as representações de um Brasil bucólico são mais instituídos. Na fachada, a placa de identificação exhibe uma broa de milho, ramos de trigo, tipografia cursiva em arco. Os elementos visuais bem como o mobiliário do bar lembram padarias e bares do interior de Minas e o comportamento da clientela também remetem a isso, basicamente formada por funcionários e comerciantes vizinhos. Eles procuram o estabelecimento para o café da tarde, o pão de queijo entre as refeições, e a “vitamina” que completa o café da manhã.

Acréscimos e conclusão.

Na etapa de entrevistas podemos perceber que as comunicações visuais eram apenas um sistema de signos dentro de um sistema maior e mais complexo compreendido a partir da observação das falas dos comerciantes, das histórias pessoais e comerciais, da fachada das lojas e das determinações legais. Nas falas percebe-se que os comerciantes representam a si próprios dentro da saga dos pioneiros de Brasília. De certo modo, a construção da cidade tem um referencial encontrado em vários modelos de ocupação do espaço: os europeus que migraram para conquistar a América, os norte-americanos que migram para o oeste, os bandeirantes que nos séculos anteriores saíram de São Paulo em direção ao Interior. Os primeiros moradores de Brasília têm



personagens fixos, nas narrativas eles são classificados em candangos, fundadores ou pioneiros e dividem com JK, Lúcio Costa e Niemeyer os papéis principais da saga da fundação da cidade. Logo, é possível observar que as falas dos comerciantes procuram inseri-los nesses papéis. Os mais antigos se intitulam pioneiros, os mais jovens filhos de pioneiros ou filhos de candangos e em alguns casos ouvimos também a palavra jovem aventureiro ou aquele que não veio com a intenção de construir ou de ocupar a cidade, mas de ver com os próprios olhos o que estava acontecendo e relatam isso como uma grande aventura.

Outro elemento do texto semiótico importante revelado nas entrevistas são as entonações, as vozes e o tempo. Brasília constrói sobre si mesma um triplo referencial temporal. Ora ocupa o lugar de cidade histórica e tombada (passado), ora de cidade moderna (projetada para o futuro), ora cidade atual com vida e funcionamento dinâmico igual ao de outras grandes cidades. Esses tempos são revelados através das declarações dos comerciantes, a fala do Sr. Hely aponta para o passado, dialoga com a cidade bucólica do interior e pensa a cidade em um tempo que não existe mais. Impressiona nesta narrativa o modo como o comerciante lê e interage com os signos modernos, eles estão presentes na ideia de progresso, futuro e crescimento, mas no momento em que o comerciante qualifica o que seria isso percebemos que a sua busca de futuro reside no passado deflagrando um certo anacronismo.

As entonações indiciam o aspecto de narrativa e de saga, observa-se um certo zelo ao narrar a própria história o que revela que cada comerciante sabe do seu papel no processo de ocupação da capital. Na entonação percebe-se que as histórias da cidade já estão padronizadas, podemos comparar esse elemento com o que Lotman (2000, p.95) chama de texto-código, um texto com modelo ideal, um traço característico dos textos culturais que orientam a elaboração de algo que é intermediário entre a linguagem e o texto. Pode-se reconhecer nesse comportamento que nas narrativas sobre a própria história os moradores de Brasília procuram descrever o seu papel na saga, esse papel é definido por uma espécie de regras ou obrigação em responder a três perguntas: por que vieram, quando vieram e o que fizeram a partir de então. Nos próprios nomes dos comércios é possível perceber como os comerciantes respondem a essas perguntas, denominações comerciais como “A Pioneira da Borracha” ou “Casa Nova Capital”.

Ao texto da saga dos pioneiros acrescenta-se o da construção. Um texto mais elitizado, documentado em diversos livros sobre a história da cidade. Esta saga elege lendas contadas desde a história do modo como JK promete que construirá a nova



capital, a escolha do projeto, a chegada dos candangos, as visitas dos arquitetos responsáveis e o modo como os funcionários públicos chegaram à cidade.

A ocupação urbana materializa a saga da construção e a comunicação visual dos comércios da W3Norte ilustram as sagas dos comerciantes, pois estampam representações desse processo. Assim, ao longo da via: presencia-se a chegada do Barbosa, da Clarisse, da Miranda, da Mariana ou do Sarkis à capital; descobre-se que vieram de Coimbra, de Minas ou de Goiás; entende-se o que vieram vender borrachas, materiais elétricos, tecidos, comida e serviços.

Em cada relato uma saga, em cada comércio um motivo justo para a escolha do produto e do modo como se publiciza essas intenções e relações nas fachadas. O complexo sistema semiótico da W3 evidencia:

1. uma zona de fronteira cultural no centro de uma zona territorial com funcionamento consolidado, observando isso à luz do conceito de semiosfera temos a constatação do anamorfismo das instâncias semióticas. Fisicamente é impossível dois corpos ocuparem o mesmo espaço, culturalmente este espaço não só pode ser ocupado por mais de um, como apresentar-se de maneira diferente dependendo das mediações realizadas;
2. o diálogo entre diferentes sistemas modelizantes e metatextos culturais. Observa-se a presença da matemática como principal metatexto cultural utilizado para pensar a arquitetura funcionalista; a presença da linguagem verbal para modelizar os textos da fachada, eles recebem a influência dos sistemas de cores, dos símbolos das cidades de origem e são sobrepostos aos símbolos da cidade de Brasília. Outro metatexto cultural percebido é a estrutura de lenda ou de saga utilizada pelos comerciantes e moradores para narrar a própria história. Observa-se que são como a figura do herói, cada comerciante tinha um motivo justo para sair da sua cidade e realizar a sua lenda pessoal. A questão do indivíduo sobrepõe a do social e opõe-se ao funcionalismo. No funcionalismo observa-se a destituição de modelos calcados no indivíduo e a eleição de um modelo coletivo de construção da sociedade;
3. e a predisposição das regiões de fronteiras para operarem como janelas semióticas. Em cada fachada a lembrança de um lugar distante ou a expressão de traços culturais genuinamente nordestinos ou mineiros acaba por revelar uma passagem no espaço através do qual é possível perceber um pouco desses lugares. Muitas são as fachadas que tentam ilustrar imagens simbólicas das cidades de origem, assim



recolhem-se signos como o feijão verde, o chapéu de couro típico da caatinga, as bombachas do sul ou a broa de milho de minas.

Agradecimentos:

Arquivo Público do Distrito Federal.

Alunos dos cursos de Desenho Industrial, Arquitetura e Comunicação da UnB.

Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento desta pesquisa por meio do Edital Universal.

Comércios citados: Recanto Mineiro, Pioneira da Borracha e Armarinhos Clarisse.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

_____. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

COSTA, Lúcio. **Lúcio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

_____. **Relatório do plano piloto de Brasília**. Brasília: Inst Arquit Bras, 1997.

FERRARA, Lucrécia D' Aléssio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Princípios)

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

LOTMAN, Iuri. **La Semiosfera**. Madrid: Catedra, 2000.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

VIDAL, Laurent. **De nova Lisboa a Brasília**. A invenção de uma capital (século XIX e XX). Brasília: UnB. 2009.